

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)**  
**PARTE I - ANTES DA REVOLUÇÃO**  
**3 de Fevereiro de 2023**

**FILMFARSI / 2019**

*Um filme de Ehsan Khoshbakht*

*Realização, Argumento e Produção: Ehsan Khoshbakht / Montagem: Niyaz Saghari, Abolfazl Talooni / Som: Rob Szeliga / Direção de Fotografia: Niyaz Saghari, Ehsan Khoshbakht / Música: Naiel Ibarrola, Lander Macho / Participações: Irene, Fardin, Nasser Malek Motie, Forouzan, Behrooz Vosoughi, Iraj Ghaderi, Marjan, Vahdat, Reza Beik Imanverdi, Said Raad, Reza Arham Sadr, Bahman Mofid, Miri, Pour Banai, Mohammad Ali Jafari, Vajesta, Ezzatolah Entezami, Fereshteh Jenabi, Shoorangiz Tabatabaie, Gooogoosh, Mahvash, Manouchehr Vosough / Cópia: DCP, a cores e a preto e branco, falado em farsi e em inglês, legendado em inglês e eletronicamente em português / Duração: 84 minutos / Estreia Mundial: julho de 2019, Cinema Rediscovered, Reino Unido / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Ehsan Khoshbakht

\*\*\*

Começamos pelo fim desta história, a sua parte cega sobre a qual mais luz lança a nossa cultura cinéfila: Abbas Kiarostami, Asghar Farhadi, Jafar Panahi, Majid Majidi e Mohsen Makhmalbaf. O leitor cinéfilo conhecerá ou já terá ouvido falar em dois ou mais destes nomes, certamente. Agora mudemos de protagonistas e falemos em: Iraj Ghaderi, Krosrow Parvizi, Saeed Neyvandi, Samuel Khachikian e Shapour Gharib. Algum destes nomes lhe diz alguma coisa? Eles fazem parte de uma era – que para o curador e crítico de cinema Ehsan Kohsbakht é também um género – denominada de *filmfarsi*. São realizadores de filmes produzidos debaixo da monarquia autocrática liderada pelo Xá Mohammad Reza Pahlavi. Realizadores cujo trabalho mais significativo foi produzido a montante da esplendorosa Nova Vaga (ou, para sermos rigorosos, da designada Segunda Vaga) que originou a projeção internacional do cinema deste país, tendo esta começado, paradoxalmente ou não, após a Revolução de 1979, que instaurou a República Islâmica sob o comando do aiatola Khomeini. A história do cinema iraniano está repleta de inversões e paradoxos interessantes, mas também de momentos simbólicos poderosíssimos. Khoshbakht começa o seu documentário ensaístico precisamente com um deles: a redução a cinzas do cinema Rex em Abadã, onde perderam a vida centenas de pessoas. Estávamos a pouco menos de um ano da Revolução e o atentado aconteceu no dia do 25.º aniversário da deposição do primeiro-ministro, democraticamente eleito, Mohammed Mossadeq que fez subir ao poder o último Xá do Irão, Pahlavi.

Como já referi, nem tudo é linear na história, política e cultural, deste país, pelo que podemos dizer que sim, muita coisa mudou, ou melhor, muita coisa se *transformou* mas nada de muito substancial *mudou*. O cinema foi uma dessas transformações que veio pôr em evidência as fracas conquistas humanitárias resultantes da passagem de um regime autocrático para um regime teocrático. Como nota Ehsan Khoshbakht, em entrevista realizada com vista à produção desta Folha de Sala, “[o] problema da censura sempre existiu. (...) É o mesmo país. Só que perdeu o seu apetite por mostrar sexo. (...) [A]gora não há sexo, não há música, não há dança e nudez. É a única diferença grande”.

De facto, tudo no chamado cinema popular pré-revolucionário parece que *flirta* com a possibilidade de um cinema persa *sexy, trendy*, seguindo o melhor receituário de Hollywood e Bollywood. Temos musicais, comédias, *films noirs*, filmes de ação, melodramas e às vezes, como que numa espécie de “tritadora do cinema de género”, tudo isto ao mesmo tempo, no mesmo filme. Nos antípodas, o chamado “cinema poético” de autores universalmente conhecidos e reconhecidos como Kiarostami e Makhmalbaf sedimentou uma linguagem própria que, para nós, “ocidentais”, representa um cinema autenticamente “daquele país”. No entanto, nova contradição, o cinema popular seria mais independente do que este que agora celebramos. Khoshbakht prossegue dizendo que “*Filmfarsi* é, sob certos aspetos, um cinema totalmente independente. A sua distribuição e produção era independente. A tensão com o Estado era mínima.” A pouca atenção dada pelo Estado a estes filmes, que enchiam salas como o Rex, gerou esta espécie de Frankenstein cultural ou, recorrendo à mitologia clássica, espelho de Medusa, uma vez que nos permitem redescobrir, petrificadas, as raízes do cinema tal como da sociedade e suas inúmeras convulsões.

Para Khoshbakht, o *filmfarsi* pode não despertar normalmente as emoções de um Antonioni, mas estes filmes são “importantes documentos”, normalmente debruçando-se sobre os problemas da classe trabalhadora a viver nas grandes cidades – ao contrário, aliás, dos cineastas, digamos, “mais rurais”, da Nova Vaga iraniana. A imagem que ressalta nestes, como se lhes refere Khoshbakht, “preciosos artefactos” (que sobrevivem em cópias VHS ilegais e muito deterioradas) pertence-lhe também, isto é, ainda diz algo a uma geração que nasceu depois da Revolução, como é o caso deste que é o atual codiretor do prestigiado festival de cinema Il Cinema Ritrovato, em Bolonha. “No meu caso, [*filmfarsi* é] o *background* popular que tenho. Toda a loucura, fealdade, o lado macho dele. (...) Esta imagem diz algo sobre mim.”

Para Khoshbakht, a cinefilia tem de ser crítica e inquiridora, procurando ligar as imagens dos filmes às transformações da sociedade. “As imagens têm sentidos e devem ligar-se a algo, senão é uma perda de tempo, perda de vida.” Nisso, **Filmfarsi** é um objeto mais do que bem sucedido, pois consegue ir além da “mera” escavação histórica, desenrolada a partir de objetos desaparecidos e aparentemente pobres. Khoshbakht efetivamente sugere, mesmo que nas entrelinhas, uma redescoberta destes filmes como objetos cinematográficos. Será que este cinema popular carece de um outro olhar *até* sob um ponto de vista estético?

Para Ehsan Khoshbakht, a motivação histórica entrelaça-se com a motivação cinéfila ou estética: “Encontras emoções em Antonioni, mas também nos *filmfarsi*.” Dá o exemplo de um dos seus realizadores iranianos favoritos, conhecido nacionalmente como “o Hitchcock iraniano”: Samuel Khachikian. De acordo com Khoshbakht, que escreveu um artigo para a *Sight & Sound* sobre Khachikian («Tehran noir: Samuel Khachikian and the rise and fall of Iranian genre films», junho de 2017) e organizou uma pequena retrospectiva em Bolonha com uma parte sobrevivente da sua filmografia, este realizador demonstra que há “algum brilhantismo” no meio da barafunda de referências e sinais contraditórios deste muito *ocidentalizado* cinema persa. “Khachikian quer fazer uma coisa nova em cada novo plano”, explica Khoshbakht com o intuito de evidenciar que é possível encontrar verdadeiras pérolas na lixeira. “Há diferentes tipos de *filmfarsi*: alguns muito bons, mas também outros maus, muito maus, maus para lá da imaginação.” Enfim, o mérito maior de **Filmfarsi** é este: põe-nos a salivar por todos estes filmes, até pelos muito, muito maus.